

COLETANÊA EU SOU AUTOR: UMA PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Maria Rita A. dos Santos Queiróz

Universidade Federal de Campina Grande

mariaritaletra@hotmail.com

Introdução

Devido às demandas cada vez maiores e mais diversificadas nos usos da escrita na vida social, as sociedades altamente tecnologizadas precisam de indivíduos que possam continuar o processo de aprendizagem, e, para isso, o cidadão precisa ler. A leitura e a escrita não devem ser vistos como processos simplistas, eles são fortes ferramentas de poder e impulsionam as transformações sociais, políticas econômicas. Ficar de fora dessas práticas gera exclusão. Assim como qualquer outra atividade, a leitura deve ser ensinada, e sua apreensão vai além da decodificação, envolve os atos de atenção, percepção, memória e pensamento, os quais realizam operações fundamentais como o raciocínio indutivo necessário para o conhecimento de mundo. Essa mesma concepção é partilhada por vários estudiosos entre os quais Saveli (2007), que ao se deter sobre essa prática acrescenta que a leitura leva o indivíduo à investigação, ao questionamento, aos confrontos dos pontos de vista.

Podemos extrair dessas colocações a importância para o desenvolvimento do leitor crítico. Arelada à concepção de leitura está a noção de letramento como uma prática capaz de exercer atividades mais complexas através da leitura, como reivindicações de direitos e outros atos que implicam um conhecimento maior por parte do indivíduo da realidade ao seu redor, assim como atividades que contribuem para o desenvolvimento de práticas orais que exigem mais planejamento, como debates ou palestras.

A proposta de trabalho “Coletânea eu sou autor: uma proposta de produção textual para alunos do Ensino Médio” pretende mostrar como a apreensão dos processos da leitura e escrita são essenciais para o aperfeiçoamento da interpretação textual, envolvimento numa comunidade letrada,

como também posteriormente superação de dificuldades, preconceito e opressão. O trabalho se justifica pela necessidade de refletir sobre os procedimentos de leitura escrita como práticas basilares para que o indivíduo possa não só inserir-se numa comunidade letrada, mas também impulsionar as mudanças sociais, políticas econômicas. A realização desse trabalho se justifica ainda, porque a apreensão dos gêneros auxiliam o educando no processo de familiarização com a escrita levando-o a refletir sobre o que diz /escreve / faz além do mais contribui para ser leitor do próprio texto, dessa forma ele será capaz de rever, posicionar, reformular e relacionar as ideias.

Dessa forma, esperamos contribuir, não como um receituário e/ou fórmula pronta para a implementação das aulas de leitura, mas como possibilidade mediadora do processo educativo. Ainda se constitui como subsídio para auxiliar a formação do professor de língua portuguesa e de áreas afins e para formatar discussões acerca da prática da leitura escrita e sua assimilação pelo educando como da necessidade de inseri-lo no âmbito da linguagem.

Para nortear o trabalho, tomamos como base as contribuições de Marcuschi (2002), Savelli (2007), Signorini (2007), por adentrarem com veemência no que pretendemos enfocar.

Letramento e gêneros textuais

O letramento é um fenômeno plural que concebe a leitura e a escrita enquanto práticas indissociadas, determinadas pelos diferentes contextos sócio-histórico-discursivos. Dentre os vários tipos de letramento, destacamos o escolar, que no Brasil se caracteriza de modo geral pela aquisição do código escrito no sentido restrito que tem.

O fato de conhecer as letras não é suficiente para atender a essas demandas, daí a academia deve fazer uma diferenciação entre alfabetização e letramento. Ser letrado implica familiaridade com diversos usos da escrita do cotidiano: escrever bilhete e cartas, compreender uma notícia no jornal, entender uma explicação médica e se estende por também os conhecimentos de práticas orais como contribuir para um debate.

A principal tarefa da escola é ajudar o aluno a desenvolver a capacidade de construir relações, conexões, entre os vários nós da imensa rede de conhecimento que enreda a todos, e esse trabalho se faz através da prática de ensino dos gêneros textuais. Os gêneros são aqui entendidos, conforme Marcuschi, como:

[...] fenômenos históricos, no qual estão inseridos elementos culturais e sociais, advindos da coletividade. Eles servem para organizar as atividades comunicativas e têm forte relação com as inovações tecnológicas, visto que estão sempre surgindo novas formas de comunicação, de acordo com as necessidades que emergem, cujo fato se constata com a quantidade de gêneros textuais existentes na atualidade. Os gêneros textuais têm funções específicas e tais funcionalidades os caracterizam mais em âmbito comunicativo, cognitivo e institucional do que por suas particularidades linguísticas e estruturais (MARCUSCHI, 2002:21).

Segundo DOLZ, é através dos gêneros que as práticas de linguagem se materializam nas atividades dos aprendizes [...] Os gêneros constituem um ponto de partida que situam as práticas de linguagem.

As escolhas de linguagem, de formas do dizer, se concretizam nos gêneros, formas discursivas orais ou escritas, “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social que contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia” (MARCUSCHI, 2002:19), como é o caso do bilhete, do horóscopo, receita, convite, artigo de opinião, cartas e muitos outros, visto que são inúmeros.

A noção de gêneros textuais se tornou conhecida no Brasil, a partir da divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do ensino fundamental, em 1998, que propunham uma organização curricular em torno de dois eixos articulados pelos gêneros: o uso e a reflexão sobre a linguagem. Desde então essa noção vem sendo utilizada na formação de professores, nos livros didáticos, que devem estar de acordo com os critérios de avaliação do Programa de avaliação do livro didático (PNLD), que está em consonância com as orientações dos PCN.

Em decorrência da noção de gêneros como práticas de linguagem socialmente situadas, articula-se também a noção de práticas de usos da leitura e da escrita, posto que interessa não apenas descrever o gênero, mas reconhecê-los, lê-los e escrevê-los em situações reais de uso da linguagem.

O ensino da leitura como uma prática de letramento

Segundo os estudos linguísticos, a escola é tida como entidade contextual estável, homogênea, com função e limites definidos, uma espécie de pano de fundo para o trabalho de professores e alunos em sala de aula. Mas quando se pretende focar a questão da inovação e seus impactos, é a dimensão organizacional, ou seja, processual, dinâmica, múltipla e contingente, a de maior interesse.

Nesse sentido, é importante refletir como a inovação trazida ou inspirada pela ciência linguística e sancionada por documentos oficiais estão sendo contextualizados na escola (SIGNORINI, 2007). De acordo com esta autora, deve haver uma didatização de saberes acadêmico-científicos sobre leitura e escrita na formação de professores, ou seja, uma transformação desses saberes pelas práticas institucionais, desde a confecção de documentos oficiais, materiais didáticos até o desenvolvimento de atividades em sala de aula.

Ainda de acordo com Signorini, as práticas de letramento escolar vão além das práticas específicas de leitura e escrita, e estão em constituição mútua com aparatos tecnológicos, pois diferentes tecnologias participam intimamente da construção das práticas de letramento, sendo estas resultantes da harmonia entre humanos e não humanos. No entanto, como bem lembra a autora, na escola existem e atuam simultaneamente práticas que viabilizam e práticas que inviabilizam o trabalho do professor: as bibliotecas e laboratórios não costumam ser usados para “não estragar”, há uma rejeição à inovação porque esta ameaça formas sociais consolidadas. A principal consequência desse quadro é que a inovação morre quando não pode ser recriada nas práticas em que foi inserida.

Jung (2007) amplia a discussão sobre as práticas de letramento, ressaltando que “o conceito surgiu para resgatar a ideia pluralista de aquisição e uso da leitura e escrita na sociedade, ou seja, as pessoas usam a leitura e a escrita em diferentes domínios sociais com diferentes objetivos, interação de forma diferenciada com o texto escrito” (JUNG, 2007, p.90). Essa colocação é crucial para compreendermos a diferença entre ser letrado e ser alfabetizado, pelo fato de essa última condição levar o indivíduo apenas a decodificar algumas palavras, como por exemplo, o nome.

A função de formar sujeito letrado é, segundo Kleiman (1999), da escola, posto que seja uma das maneiras de contribuir para o desenvolvimento do ser humano, diminuindo as opressões e as injustiças que o sujeito sofre na sociedade. Essa atitude se realiza na interação dos conhecimentos adquiridos previamente na sociedade com os que o sujeito assimila na escola. É nas relações que o sujeito é capaz de estabelecer entre os objetos e fenômenos que podemos dizer se ele aprendeu e se está apto para decidir que leitura irá fazer, e para tecer críticas acerca dessa leitura. Como sendo função da escola, o professor se torna uma figura chave, uma vez que seu papel é o de estabelecer possibilidades para que o aluno construa relações entre o material escrito e outras áreas de conhecimento, áreas que, mesmo estando fora da sala de aula, servem como suporte para o desenvolvimento de atitudes críticas. A leitura deve atender a um processo de aculturação, em que o leitor possa identificar na escrita críticas que o façam analisar e resistir à ordem dominante.

Não se devem negar as crises do sistema educacional, mas o professor pode superá-las, e o elemento chave está no ensino da leitura, no qual a qualidade social tende a ganhar. Nesse sentido o desenvolvimento de atitude crítica é essencial para que a profissão docente seja revalorizada. Reportamos mais uma vez a Saveli e observamos que esta autora coloca também o professor como ator fundamental no processo de ensino da leitura:

[...] A formação do leitor ou da aprendizagem da leitura não está amarrada a técnicas e/ou métodos, mas é o comportamento do professor em face de sua prática pedagógica que faz a diferença (SAVELI, 2007 p.120).

Portanto desejar formar cidadão letrado requer compreender as práticas de leitura e escrita como atividades complexas e que por isso devem ser ensinadas, e tal perspectiva deve abranger toda a instituição escolar, ou seja, todas as disciplinas e não apenas aquela que exige o aprendizado da língua. Desse modo acreditamos que o projeto aqui apresentado se enquadra nessa perspectiva.

Metodologia

Para o desenvolvimento das oficinas sobre leitura e escrita foi criada uma sequência didática objetivando facilitar o processo de escrita. O público alvo contemplado foi a turma do 1º ano A da E.E.E.F.M Juarez Maracajá, da cidade de Gurjão PB, composta por 17 alunos na faixa etária entre 14 à 17 anos . Adotamos a sequência didática que envolvesse as aulas de leitura, escrita e rescrita dos mais diversos gêneros textuais: Ficando, pois, assim descrita.

- ✓ Apresentação da proposta;
- ✓ Partir do conhecimento prévio dos alunos;
- ✓ Contato inicial com o gênero textual em estudo;

- ✓ Produção do texto inicial;
- ✓ Ampliação do repertório sobre o gênero em estudo, por meio de leituras e análise de textos do gênero;
- ✓ Organização e sistematização do conhecimento sobre o gênero: estudo detalhado de sua situação de produção e circulação; estudo de elementos próprios da composição do gênero e de características da linguagem nele utilizada;
- ✓ Produção coletiva;
- ✓ Produção individual;
- ✓ Revisão e reescrita.
- ✓ Produção final.

Resultados e discussão

No primeiro momento, do primeiro encontro, foi apresentada a coletânea produzida pelos alunos do ano anterior e lançada a proposta para produção do ano de 2014. Em seguida, a professora apresentou vários gêneros de circulação dentro e fora do âmbito escolar e pediu para que os alunos fizessem a escolha daqueles que queriam estudar e produzir durante o desenvolvimento do projeto. Sendo assim, foi escolhido os gêneros: carta do leitor , resenha,resumo, crônica,notícia,carta aberta,requerimento,texto argumentativo dissertativo. No segundo encontro foi trabalhado o gênero carta do leitor. Dessa forma, a turma foi dividida em grupos para escolher as revistas com a indicação do gênero e posteriormente fazer a leitura contemplando a temática abordada e a estrutura do gênero. No terceiro encontro foram estudadas as características do gênero

carta do leitor como: referente, destinatário, quantidade de linhas, público alvo, função social, veículo de circulação, suporte. Vale ressaltar que, antes de produzir os gêneros aqui expostos, estudam-se primeiro as marcas que os identificam, como também a cada nova produção é feita a correção em sala e a reescrita dos mesmos.

No quarto encontro, a professora levou artigos produzidos e presentes na coletânea 2013, para que os alunos fizessem a carta sobre as temáticas que perpassavam esse gênero. No quinto encontro foram trabalhados os gêneros resumo e resenha. Arelado ao projeto supracitado tem o projeto Circulo de leitura, nele, o aluno escolhe por mês, dois livros. A coletânea em foco, tem uma proposta interdisciplinar sendo assim, as leituras dos livros ajudarão na ampliação dos conhecimentos, posto que abordam diversos assuntos.

Do mesmo modo, o aluno ao trabalhar o gênero resumo e resenha facilitará a síntese e a resenha dos conteúdos abordados nas demais disciplinas. No sexto encontro, como a escola foi escrita na Olimpíada de Língua portuguesa foi trabalhado num primeiro momento, o gênero crônica. Para essa proposta, a professora seguiu as orientações contidas no material indicado pela equipe de organização das Olimpíadas, todas as oficinas foram trabalhadas em sala. Num segundo momento foi trabalhado o gênero notícia seguindo também a estrutura do gênero, lendo as últimas notícias do cenário mundial e local para posteriormente produzir os textos.

No sétimo encontro, como a turma já estava familiarizada com os processos de leitura e escrita foram trabalhados os gêneros carta aberta, requerimento e texto argumentativo dissertativo. A carta aberta foi produzida em resposta a uma carta enviada aos alunos pelos professores do curso SISMÉDIO, onde os educando foram chamado a falar sobre anseios, direitos, deveres; como é ser jovem num mundo conectado e qual a escola que eles queriam. O requerimento foi necessário pela gama de pedidos feitos para a direção da escola que solicitava dos interessados o enviou de tal documento. Já o texto dissertativo argumentativo foi trabalhado em virtude de ser o gênero solicitado no concurso de redação realizado anualmente pela escola. O segundo momento desse tópico foi reservado para a reescrita coletiva dos textos.

O oitavo encontro foi destinado à apresentação da coletânea na biblioteca na seção “Autores na biblioteca”. Os alunos Amanda Morais e Wiliam foram escolhidos pela turma para ser os apresentadores. A eles cabiam o papel de chamar os demais educandos para fazer a leitura dos seus respectivos textos (**Imagem 1.1**). O momento foi de grande relevância, pois todos tiveram

conhecimento do processo de produção e da divulgação dos textos escritos ,uma vez que não ficou apenas no ambiente da classe. O uso dos recursos midiáticos no universo escolar auxilia o educando no processo de ensino- aprendizagem (**Imagem 1.2**). O aluno Hyttler E. Gomes ficou responsável pela parte midiática do material necessário para o êxito da apresentação.

Imagem 1.1



Imagem 1.2



O gênero carta do leitor foi lido pelo aluno Eduardo (**Imagem 1.3**). A carta produzida pelo referido aluno foi uma das mais elogiada por toda a turma. O gênero crônica foi lido pela aluna Vitoria Moraes e Amanda (**Imagem 1.4**). Os textos das referidas alunas foram escolhidos pela comissão Escolar para representar a Escola na comissão municipal das Olimpíadas de Língua portuguesa. A realização da Olimpíada de Língua portuguesa na escola proporcionou um maior engajamento do alunado e uma motivação maior para o processo de produção.

Imagem 1.3



Imagem 1.4



O aluno Hytteler ficou encarregado pela leitura do resumo e resenha (**Imagem 1.5**). A aluna Mykaella ficou incumbida de fotografar o momento (**Imagem 1.6**).

Imagem 1.5



Imagem 1.6



Livros doados pelo professor Clodoaldo Bortoluzi professor da Universidade Federal de Campina Grande (**Imagem 1.7**). A iniciativa do professor Clodoaldo demonstrou a integração e articulação entre escola pública e Universidade para a aperfeiçoamento do processo de leitura e escrita, bem como para a formação de leitores proficientes. O aluno Renan Felix leu o gênero notícia e requerimento (**Imagem 1.8**).

Imagem 1.7



Imagem 1.8



De modo geral acreditamos que os objetivos engendrados na proposta foram em parte atingidos, já que a turma participou de maneira interativa das situações criadas como estratégia para obtenção dos resultados esperados, ou seja, o de se envolverem com a leitura dos textos selecionados e participarem da realização das atividades propostas. No que concerne à produção textual, também acreditamos que os objetivos foram atingidos, pois a maioria dos alunos

produziram textos das mais variadas esferas. A partir das colocações de alguns alunos percebemos que já estavam sabendo organizar as ideias, como também tomar uma posição diante de temas diversos.

Considerações finais

Acreditamos que, o desenvolvimento do projeto de leitura e escrita desenvolvido na turma do 1 ano A da escola supracitada, possibilitou compreender que o processo da leitura e da escrita não deixa o sujeito ser apenas sujeito ele, é chamado a pensar, a se conscientizar, se tornar mais humano. Deste modo percebe-se que, a leitura e a escrita humaniza. Humaniza no sentido de levar ao exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, a participação da comunidade letrada.

Retomando o discurso de Collelo, sobre o processo de escrita, a autora reitera que a escola precisa rever a maneira de tratar a relação vida e aprendizagem, e aponta como saída o seu re-encantamento, fator necessário para atender tanto os que irão se inserir no sistema quanto os que foram excluídos. Acreditamos que inserir o educando na âmbito da leitura e da escrita de forma

proficiente é uma maneira basilar para ele encontrar /redescobrir esse encantamento . De modo geral, os gêneros textuais lidos e escritos pelo alunado privilegiou a escrita como processo ,conforme apotam os Paramêntros Curriculares Nacionais e os pressupostos presente no Projeto Político Pedagógico da escola e, emcaminha para o re-cantamento tão defendido pelos estudiosos da área de educação e almejados pelos professores.

Referências

BRONCKART, Jean Paul. **As condições de produção dos textos**. In. Atividades de linguagem, textos é discursos: por um interacionismo sócio – discursivos. São Paulo: EDUC, 1999.

COLELLO, Silvia M Gasparin. **A Pedagogia da Exclusão no Ensino da Língua Escrita**. Faculdade de Educação da Univ. de São Paulo.

GARDNER, Howard. **Estrutura da mente-A Teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre:Alegre:Artes Médicas ,1994.

JUNG, Neiva Maria. **Letramento: uma concepção de leitura e escrita como prática social**. In: CORREA, Djane Antonucci; SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira. Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso. São Paulo: Parábola. Ponta Grossa, PR:UEPG,2007.

KLEIMAN, A. e MORAES, S. E. **Leitura e práticas disciplinares**. In. *Leitura interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In. BEZERRA, M. A.; DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R. (Orgs.) *gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

PINHEIRO, Alexandra Santos. **Práticas escolares e leitura: leitoras e formas de resistir**. *Raído*, Dourados, MS, v. 4, n. 7, jan./ jun. 2010.

SAVELI, E. de L. **Por uma pedagogia da leitura: Reflexões sobre a formação do leitor**. In: CORREA, Djane Antonucci; SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira. *Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso*. São Paulo: Parábola. Ponta Grossa, PR:UEPG,2007.

SIGNORINI, Inês. **Letramento e inovação no ensino e na formação do professor de Língua Portuguesa**. In: _____ (org.). *Significados da inovação do ensino da língua português na formação de professores*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO